

A SEMANA

JORNAL LITTERARIO, SCIENTIFICO E NOTICIOSO.

Vol. I.

DOMINGO 24 DE FEVEREIRO DE 1856.

N. 12

PARTE RELIGIOSA.

PANEGYRICO DE S. SEBASTIÃO.

Nolite timere eos, qui occidunt corpus, animam autem non possunt occidere.

Não temais os assassinos do corpo, se elles não podem perder-vos a alma.

S. MATHEOS CAP. 10. 28.

I.

A constancia nos trabalhos, a resignação na adversidade, os lamentos do coração e os gemidos d'alma, destilados em lagrimas de caridade, offerecidos em holocausto pelos erros da ignorancia selvatica, ou desatinos da civilisação prevertida, são d'aquelles dotes divinos que só illustram esses grandes espiritos, predestinados á execução de grandes deveres encontrados, que, em occasiões excepcionaes, sujeitam á ultima prova certas creaturas, que bem longe de succumbirem ante a observancia de leis, que parecem repugnar entre si, mas de cuja observação depende tantas vezes a salvação de um povo, com a regeneração moral de um estado, sabem combater, sem succumbir, as mais insuperaveis contradicções até á ultima victoria da justiça e da verdade, nada temendo dos assassinos do corpo que não tem poder sobre as almas. *Nolite timere eos, qui occidunt corpus, animam autem non possunt occidere.*

II.

N'estes casos extremos, em que Deos sabe sujeitar á justa prova a constancia e a fidelidade de seus humildes servos, mandando mesmo ao mais extremoso e esperançado dos Pais sacrificar-lhe o unico e o mais amavel dos filhos! Ao menos ambicioso dos soldados combater com armas pela Lei e pelo Rei; pela Religião e por seu Deos com a palavra e com o mais pronunciado exemplo em pleno menos prezo da propria vida, até converter esses venturosos instrumentos de sua Divina vontade em objectos especiaes de nosso respeito e veneração; para nos aproveitarmos tambem por nossa vez de seu exemplo famoso no dirigir incerto de nossos titu-

biantes passos pelas estreitas veredas da virtude, que nunca saberiamos trilhar sem guia tão adestrado; só um ente especial, moldado pela imagem do Cordeiro Immaculado, um homem, emfim, só nas fórmas homem, um anjo em espirito e nas acções eminentemente santo, póde satisfazer ás incompreensiveis vistas da Providencia Divina na execução de seu plano tão inexplicavel, quanto maravilhoso e infindo.

III.

E' que taes entes não sõem, como nós, trocar o nome proprio ás cousas; e enquanto nós denominamos *infortunio* o que elles appellidam *felicidade*, convertem em doces risos o que nós reputamos amargas lagrimas! Traducção material da sentença do Divino Mestre que tanto repugna á logica dos sentidos, e que tanto satisfaz as ambições do coração — *Biati qui nunc fletis quia ridebitis*. Felizes os que ora choram, dia virá em que tão amargo pranto lhes será de doce consolação.

Assim nós afadigamos por entrar na graça dos homens, enquanto que aquelles, compenetrados de sua ephemera duração, ligadas, ás rodas irrevocaveis da inconstancia da humana fortuna, afrontam-lhes as contradicções, e como que lhes desafiam as iras, certos de que os injustos odios humanos não bastarão a furtar-lhes a verdadeira felicidade. *Biati eritis cum vos oderint homines*

Nam merces vestra copiosa est in Caelis.

IV.

Eu não me abalançaria a enumciação d'estas proposições, se não vós podéra apresentar, C. J. provas tão palpaveis, contra que não haveis argumentos possiveis.

Na exposição que vou fazer-vos dos actos mais salientes da vida d'aquelle, que faz hoje o objecto especial de nossas justas adorações, por que abraçou com inimitavel confiança a verdade das promessas Divinas, *Nolite timere eos qui occidunt corpus, animam autem occidere non possunt*, deparaveis o compendio fiel d'esta doutrina e o exemplo vivo d'essa virtude que ninguém soube exceder. Depois d'esta simples exposição já não lhe ignoreaes o nome glorioso; e se n'este momento solemne, rompendo o silencio que guardam vossos labios, para unir

minhas palavras á muda, porém expressiva e eloquente linguagem de vossos pios corações, ousei fazer revôar entre os tectos d'este templo o nome maravilhoso do Martyr S. Sebastião, é por que a alma se me apraz em extremo de que minha lingua vós confesse publica e claramente o quanto se gloria em fazer sôar a vossos castos ouvidos este nome tão notavel, que ligado á idéa sublime de patrono de nossas dôres, nas grandes desolações de nossa atribulada vida, como vós demonstrarei, faz a ventura dos infelizes, a honra da humanidade, e a gloria do christianismo... Mas ah! N'este momento tão solemne, em que pela vez primeira ousei avançar tão largos passos para subir a cadeira da verdade, ninguém mais do que eu carece mais de vossa protecção, ó Martyr piedoso; e da vossa indulgencia ó meus illustrados ouvintes; assim ouçam todos meus rogos, e possa eu levar ao fim a ardua missão que me impuz.

DISCURSO.

I.

Em constante lidar com ambições nunca satisfeitas, e com soffrer nunca interrompido, tem a precaria humanidade, com pesada experiencia, reconhecido na dôr a traducção mais fiel de sua vida! Esses momentos, chamados de prazer inconstante e nunca perfeito, relampejam apenas de largos em largos espaços em nosso sentimento, para mais nos fazer so resahir na realidade dolorosa de nosso incerto viver, e que phenomenos inesperados nos aggravam a cada hora.

Apesar, porém, d'este aviso constante, em que a dôr nos recorda, a cada instante a necessidade indeclinavel do cumprimento de nossos deveres, cujas faltas nos tornam ainda mais doloroso nosso constante soffrer, quantas vezes nos olvidamos de que soffremos, e nos preparamos por faltas indisculpaveis novos crimes a expiar!...

II.

E' então que Deos sempre misericordioso, mas fatigado de aconselhar como bom e extremo pai, junta a seus santos conselhos alguns castigos salutareis, não para vingar-se da ingratidão de seus filhos, suppostos que indignos e ingratos, sempre amados, mas para sustel-os no meio do abysmo das paixões desregradas, em que, esquecidos da verdadeira vida, correm a despenhar-se de precipicio em precipicio, até ao negro barathro das mais degradantes paixões! Eis como a guerra, a fome, e a peste, cobre de luto a terra e os proprios Céos, que se penalizam das misérias humanas, com o seu terrivel cortejo de suas funestas consequencias, em

quanto que a terra sacia de dôres e de sangue as suas entranhas gembundas, por que a carne corrompeo seus caminhos, inundando-se de vícios e de torpesas, e então paga o innocente de envolto com o peccador!!!.

III.

Todos nós, C. I. temos sido testemunhas de uma d'estas epochas mais lamentaveis, em que essas trez pestes, as mais desoladoras, assaltam mancomunadas o mundo todo, disputando entre si a gloria horrenda dos mais hediondos estragos!!! Nem este abençoado paiz, que qual outro Eden, parecia ter sido reservado por Deos para habitação dos seus escolhidos, escapou á geral influencia dos males que presentemente affligem a humanidade! E se acobertados pela fertilidade d'este solo espontaneo e productivo, temos escapado por ora aos horrores de uma fome geral; e protegidos pela sabedoria das Leis que o mais justo e illustrado Monarcha sabe distribuir com paternal solicitude no governo de seus subditos fieis e amados, não temos soffrido as consequencias desastrosas da sempre imperdoavel guerra civil, nem mesmo estrangeira, temos libado em amplos calices de insupportavel amargura o veneno mortifero de uma peste devastadora! Que levando o terror, seguido da morte, ao seio das familias, tem feito calar até os sentimentos mais nobres da humanidade nos corações mais compassivos; suffocando mesmo o sentimento da caridade, e o que é mais o da propria natureza! Não se atrevendo pais extremos aproximar-se de seus filhos queridos! E abandonados os maridos por suas esposas inseparaveis! Temos presenciado scenas mais tristes e estranhas, do que era crível imaginar-se entre os humanos!!! Assim o infeliz Pará, Cachoeira desolada, o inconsolavel S. Amaro, Sergipe sem remedio, e aqui bem proximo de nós Campos desditosa, sentiram succumbir seus filhos, sem animo para soccorrel-os, nem forças para fugir!!!.

IV.

Na dolorosa contemplação d'estes trances desesperados, a braços com uma peste que á pouco nos ameaçava desolação, esperando a cada hora ver entrar nos limiares de nossas casas esse official terrivel da justiça Divina, encarregado de avisar-nos na carreira de nossos erros, recorreremos á protecção unica possivel, capaz de amparar-nos em lances tão arriscados! No diriigir temeroso de nossas petições humildes ao Summo Arbitro da justiça Divina, não nos olvidamos de interessar em nossa arriscada causa o auxilio poderoso de seus mais dignos servos, para obtermos por alheia compaixão, o que mal po-

deríamos haver por merecimentos próprios! Já vêdes que n'este empenho tão arriscado, mal nos olvidariamos de recorrer á intercessão salutar e piedosa do milagroso Martyr S. Sebastião, que por tantos prodígios semelhantes se tem tornado, em crises iguaes, o advogado especial dos humanos, e particularmente d'esta Cidade, ufana de seu padroado, a cuja sombra descança segura de seu futuro, maugrado tantos males que assolam a humanidade!

V.

Taes são os gloriosos precedentes que recomendavam á nossa adoração esse Martyr por excellencia, que, alistado ao serviço do Imperador Diocleciano, como capitão da primeira companhia de suas guardas, soube harmonisar os deveres de seu cargo milindroso, com as aspirações de sua alma sublime, sem que uma só vez o accusasse sua consciencia de faltar aos encontrados serviços de Deos ou de Cezar. Soldado valente e fiel, jámais a seu lado correu o menor perigo a pessoa d'aquelle cuja guarda lhe fôra confiada. Corypheu zeloso do Christianismo, aspirando a côroa do martyrio, com a ambição de uma alma toda enlevada pelas glorias eternas, nunca faltou com a fé, com o conselho e com a presença a seus irmãos em armas, e discipulos em doutrina, que, a exemplo seu, ousaram confessar a Christo perante seus novos algozes, e arrostar todos os horrores da morte mais cruel, para sellar com sua vida a verdade da religião que confessam, assim com a palavra como com o proprio sangue, ensinando a abandonar os corpos áquelles que não podem perder-lhes as almas. *Nolite timere eos, qui occidunt corpus, animam autem non possunt occidere.*

VI.

Assim soube o nosso Martyr glorioso conservar a propria vida, em quanto a julgou precisa á salvação de seus semelhantes, até que chegada a hora de receber a côroa de tão santas batalhas, que tão bem soube peteijar, como ganhar, exultou de prazer avista d'aquelle aparato de horror, que sõe amedrontar os corações, que só sabem palpar por glorias vans, prazeres mundanos, e transitorios; incapazes de aspirar a essas recompensas de gloria não comprehendidas sobre a terra! Chegou enfim a hora ambicionada, e essas mesmas settas de que usava em defesa de seu principe, foram empregadas em tirar a vida ao mais fiel de seus soldados! Baldada tentativa! Por aquelles golpes que sangravam sangue a jorros, entrava a vida as golfadas, e sua alma se reanimava á medida que o corpo lhe desfalecia; novos tormentos lhe vieram aggravar os primeiros, e augmentar a alegria de seu espirito prestes a deixar homens barbaros e ingra-

tos para ir viver rodeado de anjos pios e agradecidos.

VII.

Mas nem assim cessou com o viver entre os seus irmãos a dedicação que lhes consagrou sempre n'esta vida; e lá junto ao throno da immortalidade continuou a advogar-lhes as causas e a alcançar-lhes graças inestimaveis.

Nós o sabiamos, nós o temos tantas vezes sentido, e comprehendido sua santa vontade.

Nossas supplicas pois foram animadas por lagrimas do coração; mas lagrimas de verdadeiro christão, que são a traducção do arrependimento, antes que da propria dôr, que servem de lenitivo a nossos males, sem aggravar nossos pesares! Eis quanto bastou a fazer parar em sua carreira devastadora esse executor terrivel de nossos aggravos; e graças á espontanea protecção de tão poderoso Patrono, não teve lugar sob nossos frageis tectos, feitos apenas para resguardar-nos dos insultos dos tempos, uma execução se quer que nos aggravasse o incerto viver de cento e cincoenta creaturas humanas, que por nossos peccados seriam talvez justas victimas d'essa lei irrevogavel, que impoz termo á tantas e tão preciosas vidas!...

VIII.

Assim maugrado nossos nenhuns merecimentos vimos com admiração preservada esta casa da peste assoladora, e poupadas as vidas de um sem numero de innocentes e serenados os corações de tantas mãis sollicitas, crentes e religiosas, que não duvidaram confiar-nos, e conservar sob nossa fraca tutella os mais preciosos penhores de um amor santo e legitimado! E' que a salutar protecção do glorioso Martyr S. Sebastião bastou a inspirar-lhes a confiança de almas verdadeiramente christãs e penitentes, e converter em risos as lagrimas de bem fundada tristeza. E' que estas lagrimas eram de arrependimento sincero, e a promessa do Salvador, por essencia, infalivel. Assim nosso reconhecimento não se lemite a meras palavras, e possam nossos actos do futuro fazer esquecer as faltas passadas, provando á Divina Providencia, que se ousámos offender sua justiça, tambem sabemos reparar nossos peccados; e que uma vez encaminhados pela estreita vereda da verdade, jámais trepidaremos desguerrados pela escabrosa estrada do erro. Então á semelhança do milagroso Patrono fluminense, eu vôl-o juro em seu nome, seremos bem aventureados, embora os homens nos aborreçam e cada uma de nossas lagrimas, que nos humidecer as faces humildes, será uma nova perola de celestial alegria, que, desprendida dos olhos reconhecidos, ornará o candido colo de nosso espirito religioso; e as dôres do

coração ser-nos-hão os risos d'alma: *Beati qui nunc fletis quia ridebitis*; assim vól-o dezejo para ventura vossa e gloria a Deos, a Quem, constantes e humildes, louvaremos por todos os seculos dos seculos amen.—Disse.

PADRE FRANCISCO MENDES DE PAIVA.

VARIÉDADE.

CORRESPONDENCIA DE PARIZ.

CARTA III.

Que ha no mundo mais pitoresco do que essas margens do Rheno, na classica e romantica região sobretudo que ri desde Mayença até Coblentz! Ninguém pôde hoje chamar-se viajante, sem ter ao menos trez vezes percorrido esse trajecto—a primeira em qualquer tempo para admirar a natureza em toda sua opulencia—a segunda, em julho de cada anno, remontando o germanico rei das aguas com a multidão dos voluptuosos romeiros—a terceira, descendo-o em outubro, quando o outomno, encerrando a estação das aguas, restitue á Belgica, á França, á Inglaterra a cohorte dos banhistas, dos temulentos, dos janotas, dos jogadores, dos elegantes, dos romanticos, das formosas.... e tambem das maravilhosas leões e caprisaltantes leões de todo este occidente, cujo refluxo deita até as Australias, Americas e outras visinhanças de Pariz e Londres.

Fiz este anno essa devota peregrinação, e dei por soberbamente empregados os vinte dias que lhe consagrei. E' natural que, n'outra carta, te aponte algumas das minhas impressões de viagem; é moda escrever hoje *viagens á roda* até de uma ponta de alfinete; eu tomo esta mania por uma succursal das mesas gyrantes; todos os litteratos *andam á roda* n'um circuito sem fim, com privilegio de cavallo em piradeiro, de peão de rapazes, ou de boi em nora; a litteratura anda em *gyro*, se é que tudo isto não é uma *gyria* ou *geringonça*, para uso dos inventores sem invenção. Vem uma idéa nova: *Viagens á roda do meu quarto*; teve graça por ser a primeira; mas desde então, que dóse de samsaboria não representam os titulos: *Viagens á roda do meu travesseiro, da minha namorada, de um soldo, de um vestido de folhos, da mulher de um Mandarim, de um sofá de dois assentos*, e de tudo quanto ha, pois não consta que ficasse na natureza um objecto que não fosse já espreitado pela arte em toda a sua circumferencia. Isto dos plagiarios é uma praga de gafanhotos que invade tudo, e os pobres titulos são os mais victimados. Ha bem pouco publicou aqui um inextinguível e estimado auctor uma producção intitulada: *Sua Alteza o dinheiro*; dias depois um escriptor, do genero macaco, dava á luz: *Sua Magestade, o milhão*; e ficou-lhe o caco a arder; não achas? E depois o romance *Quinhentos mil francos de renda*, e depois os *Quatro milhões de Gustavo Kaemp*; e depois... eu sei cá? E' a arithmetica aristocratica posta em novella. Pódes contar com todas as biographias do dinheiro, já se sabe de milhão para cima, que os

algarismos plebeos não merecem tamanha honraria. Antes porém d'esta invasão na prosa, já, mas ali por um supremo esforço de talento, o verso se havia apoderado da taboada de Pythagoras; a prova está na bella *Ode de Victor Hugo a Napoleão I.*, e em lingua portugueza na *Supplica á Imperatriz do Brasil* a favor de um condemnado a galés; ainda que mesmo em lingua portugueza, o exemplo seja antigo, como mostram aquellas velhas trovas de *Luiz Henriques*, sobre a tomada de Asamor, que empegam:

« A quinze de agosto de treze e quinhentos

« Da era de Christo nosso redemptor, etc.

rompante que sempre me pareceu mais de notario que de poeta.

Deixando porém mais digressões, e voltando á vacca fria, heide escrever-te as minhas impressões, não á roda do Rheno, mas ao comprido d'elle; convém todavia, para melhor conheceres a scena do drama que vou narrar-te, lançar ainda poucas palavras sobre essa encantada região.

Numerosissimos vehiculos, por caminhos de ferro e vapores, cruzam constantemente estes lugares, transportando milheiros de devotos de todas as partes do mundo, não sendo raro, entre a confusão d'aquella Babel, distinguir a lingua portugueza, principalmente fallada por assáz grande copia de brasileiros.

E com effeito esse poderoso rio, assento primeiro da civilisação germanica, emporio das mais poeticas tradições, séde das mais antigas e famosas cidades, chave e fronteira de muitos Estados, e de cujos flôres de gloria não são ultimos os dois livros monumentaes inspirados a Victor Hugo; esse gigante aquatico appresenta, de minuto em minuto, aos olhos espantados, uma maravilha de Deos ou dos homens. E' n'esse curto espaço que indiquei, onde se encontram o palacio de Biberich, o Johannisberg (do principe de Metternik, e cujo optimo vinho, denominado por *Klopstock* e *Schiller*, representante do espirito germanico, é conhecido em todo o mundo), o buraco de Bingen, a pedra do Rheno (*Rheinstein*), a pedra do rei (*Königstein*), o paço (pfalz), os rochedos de Lurley, do gato, e do rato; e mais adiante o *Zœhnigstuhl*, o *Storchenfels*, a formidavel fortaleza de *Ehrenbreitstein*, etc. etc.

Vou agora reproduzir-te o que contam passado ha dous mezes, na viagem de regresso de um d'esses vapores; affirma-o quem não costuma mentir, mas, Pilatos jornalístico, lavo as mãos.

A' poppa do barco ia uma traquitana de vidros, espaçosa, e hermeticamente fechada, com taes cortinas verdes que todo o seu interior ficava impene-travel. Viajava dentro d'esse curto espaço um drama immenso e terribil, que foi contado por um official prusso, sabedor de suas peripecias.

Passára *Eulalia* o tempo dos banhos nos de *Gastein*, em o *Tyrol*. Aquella não fôra aos banhos em busca de fortuna; rica, descendente de uma nobre familia de Hollanda, havia perdido pai e mãe, e fazia jornada em companhia de seu tio e tutor.

Não manifestava *Eulalia* pressa de escolher, entre

a alluviação de pertendentes, porque não tinha ainda encontrado o ideal que, em seus sonhos de virgem, havia desposado; esperava-o sempre, e para lhe dar tempo de surgir, explicava taes delongas por um systema, dizendo que não queria casar antes da sua maioridade; faltava-lhe ainda um anno, quando ella foi para as aguas de *Gastein* acompanhar seu tio, ameaçado de paralyisia.

Havia em *Gastein* sociedade esplendida;—muitos d'aquelles meio-doctes que se tratam com os recreios e se curam com os folguedos—maior numero ainda de viajantes que, percorrendo o Tyrol, se demoravam em tão risonho e pitoresco lugar.

Figurava n'este numero o conde *Ladislau de Bilsstein*, que só tencionara passar *uma semana*; mas viu a hollandeza, admirou-a, e, pelo plano inclinado d'estas cousas, foi passando á sympathia, ao amor, á paixão, ingrediente, que tem por uso tornar excessivamente elasticas as *semanas* dos projectos.

E' preciso confessar já que o tal Sr. *Ladislau* realisava o ideal da romantica; vinte oito annos, elegancia, apparencia nobre e bella, rasgados e expressivos olhos pretos, e um quê de ternura e melancolia, que o tornava interessantissimo. Quando *Eulalia* lhe perguntava a causal d'essa tristeza sempre impressa na physionomia, e que por vezes de chofre inda mais a anueava, alterando-lhe a voz em meio dos mais brandos colloquios, calava-se, baixava a cabeça, e fazia visiveis esforços por desterrar alguma importuna idéa.

— Tu tens um segredo para mim — dizia ella; — isto é feio! Não terei direito de compartilhar teus desgostos, eu a quem tu queres fazer tua esposa?

Quem tal comprehenderia? Essas palavras o sepultavam em cada vez mais sombrias meditações, mas o segredo não se revelava.

E todavia, por vezes, a sós com seus pensamentos, deliberára confiar o arcano... mas chegando a ella, faltava-lhe o valor. Finalmente, exausto de tal luta, e não podendo por mais tempo supportar-a, decidiu-se, não a fallar, mas a escrever o seguinte:

« A fatalidade, que nos separa, prohibe-me a dita
« de ser vosso esposo. Adeus, esquecei-vos de
« mim! »

Fugiu! E ia em que estado ia aquella alma! Dizeis que para elle houvesse feito *João Rodrigues de Castello Branco* aquelles mimosos versos:

Senhora, partem tão tristes
Meus olhos por vós, meu bem,
Que nunca tão tristes vistes
Outros nenhuns por ninguém!

Tão tristes, tão saudosos,
Tão doentes da partida,
Tão cansados, tão chorosos...,
Da morte mais desejosos,
Com mil vezes que da vida.

Partem tão tristes os tristes,
Tão fóra d'esperar bem,
Que nunca tão tristes vistes
Outros nenhuns por ninguém!

Partiu pois, ou antes fugiu, durante a noite, como um malfetor. Mettido n'uma sege de posta, grilava

ao cocheiro que chicoteasse os pobres cavallos, que a toda a brida galopavam já. Mas a meia legua da cidade, como a noite estivesse escura, um dos ginetes tropeçou, cahiu, a sege tombou, e o conde, batendo com a cabeça, ficou ensanguentado e sem sentidos. Reconduziram-n'o para *Gastein*; a sua sina não lhe permittia que se afastasse.

Em vão tivera força de effectuar essa clandestina evasão, que lhe dictavam a consciencia e a honra... porque o conde era casado!

Facil comprehendereis o torpor do infeliz ante a revelação de um segredo, que naturalmente trocaria em desprezo e em dôr a paixão que havia inspirado.

Era a historia do conde um tecido de infortunios. Casára, de vinte e dous annos, sem amor, quasi á força, cedendo ás sollicitações da familia, que em tal união só consultára as congruencias aristocraticas e as vantagens pecuniarias. Era sem duvida formosa, fidalga, opulenta, a mulher a que o ligavam; mas, em compensação, tinha um genio endiabrado, uma cabeça exaltada, e tendencias perigosas desenvolvidas por uma educação deploravel. Ainda um anno de casada não era volvido, e já a condessa se achava em guerra aberta com todos os seus deveres. Não contente de não amar o marido, foi a mais e mais em sua vida desordenada, até que, em certo dia, fez vispere em companhia de um camarada de romaria.

Assim viu o conde, aos vinte tres annos, ludibriado o seu pundonor, a honra ultrajada, perdida a vida. Não lhe permittiam as leis romper este casamento, libertar-se, e escolher outra esposa digna d'elle; via-se obrigado a ficar encadeado a essa mulher ausente! condemnado a arrastar vergonhosos e invisiveis grilhões, a viver solitario, a deixar perecer o nome de uma illustre familia.

E ainda ali não ficou. Passados tres annos de aventuras periprizações, metteu-se no casco da condessa regressar ao tecto conjugal, e teve a audacia de apresentar-se em casa do marido! Vinha pedir, como a cousa mais singela do mundo, a absolvição do seu passado; annunciava, com um ar de contrição excessivamente fresco, que punha termo ás suas caravanas e aos seus erros, e que diligenciaria para o futuro viver honestamente.

O conde pol-a no olho da rua.

Furiosa por esta tão merecida affronta, quiz a condessa, a toda a força, voltar á casa que se lhe fechava: ativez e sanha lhe irritavam a obstinação; ou talvez seja possivel que ella serodiamente se namorasse e apaixonasse então do marido que a repellia; dizem alguns estar isso no coração da mulher, que, imitando a sombra, foge de quem a segue, e segue a quem a foge. O certo é que empregou todos os meios; rogos humildes, ameaças altivas, astucia, violencia... eram sem cessar novas scenas, lamentaveis ou dramaticas: o conde soffreu uma verdadeira perseguição, mas ficou inflexivel.

A esposa proscripta reconheceu a inutilidade dos seus ataques, e deixou alguns mezes em paz ao marido, que se transportou para *Gastein*, onde o aguardava nova desgraça, a de amar sem esperanza.

Já viste como tentou, pela fuga arrancar-se á posição cruel a que o tinham levado o imperio do seu coração, e um silencio que bem queria mas não ousava romper. O successo da sege tombada não mudava a sua leal resolução; era leve a ferida, e passadas horas de descanso, dispunha-se para tornar a partir, quando lhe entregaram duas cartas, que o correio trouxera.

Era uma de sua mulher, e resava assim:

« Estaes vingado. Ides ficar feliz, solto, livre de mim. Estou a morrer em Wisbade. Por piedade! vinde receber as minhas despedidas, e dar-me o vosso perdão das culpas que eu expio cruelmente. Não sereis inexoravel, e Deos me outorgará a graça de prolongar até a vossa chegada a vida que me abandona. »

A outra carta era de um medico de Wisbade, confirmando o triste estado da condessa, e a sentença do seu proximo passamento. Pedia, em nome da humanidade, que o conde fosse, com a sua presença e misericordia, adoçar os ultimos momentos da agonizante.

O conde respondeu á mulher que lhe perdoava, mas que a não queria ver.

Injurias ha que justificam os rigores mais inexoraveis, e o conde era destes homens de alma franca, incapaz de fingir, e que não põe no rosto, nem mesmo em leito de morte, mascara de hypocrisia.

As suas algemas iam quebrar-se: já sem remorso podia manifestar a sua paixão; longe d'elle, agora, perturbar, com uma penosa confidencia a alma candida que lhe surria; a explicação podia addiar-se para quando, em vez de um obstaculo vivo, não houvesse mais, entre elle e a mulher amada, que uma sombra; uma recordação, um sepulchro!

A's queixas suaves e plangentes do projecto de partida e dos adeuses envolvidos em tão pavoroso mysterio, redarguiu elle:

— Não, não! Fico. Já não estou triste. Já o meu coração não verga acabrunhado sob o peso de um segredo medonho. Eu t'o revelarei, e espero que nada mudará elle dos teus sentimentos, só me obrigará talvez a differir um anno este casamento de que eu te não ousava fallar, e que ora imploro como o mais ardente dos meus desejos.

Já se vê que eram tudo urgencias de coração, que lhe dizia, como ao poeta:

Um tempo breve, urgente,
As rosas tem sómente
Para ostentarem bellas
O seu aroma e côr:
Para agradar como ellas
Tem um só tempo amor.

Isso é verdade, mas lá estavam o tempo do lucto, e as decencias sociaes, para pôr embargos á ligeireza, e por isso o homem delongava para doze mezes o dia da sua ventura.

— Bem! — Respondeu sorrindo *Eulalia* — eu tinha dito que só havia de casar depois de emancipada; se o exiges e se é preciso, não terei remedio senão cumprir a palavra.

Alguns dias duraram estas suavissimas práticas, e uma noite estavam os noivos n'um baile, discursando sobre a materia vasta, quando a porta da sala se encancara e um criado annuncia:

— A Snra. condessa de Bilstein!

Produziu este nome na assembléa sensação indescriptivel: o conde deu um grito de horror, ao reconhecer sua mulher.

Era bem ella; radiante de saude; andando com passo firme, alto o colo, sorriso em labios, olhar scintillante de um jubilo feróz. Chegou-se ao conde, estupefacto e attonito, dizendo-lhe:

— Querido esposo! Volte a si d'essa commoção, que eu comprehendo e que muito me sensibilisa. Temia perder-me? Descance! Graças a Deus, passo bem, e espero viver muito tempo para gozar da felicidade reservada á mulher de tal consorte.

— Casado! Elle?...

— Pois a menina não sabia? Como? O conde tinha feito um mysterio do seu casamento? — perguntou a condessa, percorrendo, com olhar triumphal, todos os pasmados espectadores.

Tinha com effeito vingado todo o plano da perversa. Tinha feito espiar seu marido, e a scena preparada com arte infernal, pela sua molestia supposta, e pela falsa carta do doutor, produziu todo o resultado que ella havia premeditado, porque destas mulheres é que Bocage disse

Mordeu uma serpe Aurelia;
Que pensaes que resultou?
Que Aurelia morreu? historia;
A serpente é que estourou!

Eulalia cahiu desmaiada.

Ladislau sahiu da sala, foi para casa, e com uma pistola forrou de miolos as paredes de seu quarto.

No dia seguinte, quando a hollandeza soube da morte do homem a quem dera todo o seu amor, e que comsigo lhe levava coração e vida, enlouqueceu.

Era a ella que transportavam louca e moribunda, ao lado do tio paralytico, na traquitana silenciosa da poppa do vapor.

Pelo que respeita á condessa, viuva e florida, embellezada e prazenteira, regressou para a cidade d'onde é um dos mais preciosos ornamentos. Presente e porvir lhe sorriem. Nunca passou melhor que desde o 5º acto da comedia, onde ella figurou *in articulo mortis*; mulheres de tal tempera tem fibras de ferro, e são eviternas, porque tiveram sim começo, mas não haja medo que tenham fim.

Deus te livre de topares uma d'estas no teu caminho, é a praga sem suspeita, que te roga o teu velho camarada

D. JOSE DA PAMPULHA.

PARIZ, 17 de Dezembro de 1855.

PARTE JURIDICA.

AS HYPOTHECAS.

Tem entrado em duvida no nosso povo se os bens vendidos em hasta publica, passam com o onus de hypotheca para o comprador; e isto tem feito va-

cillar os individuos que affluem ás praças e leilões publicos, do que resulta grande prejuizo aos interessados, exequente e executado, a este porque, vendidos os bens pelo seu valor legal, póde talvez com elles pagar o total, ou a maior parte de sua divida, e áquelle por consequencia, ser pago de seu credito, ou da maior parte d'elle. Da ignorancia pois do direito respectivo soffre muito o commercio, e é preciso esclarecel-o, não uma, mas muitas vezes, pelo vehiculo da imprensa. Seja pois o nosso vehiculo a *Semana* para illudarmos esta materia.

A arrematação feita judicialmente, sem pretarir-se alguma das formulas, e solemnidades essenciaes, extingue, em regra, os onus da cousa arrematada: a hypotheca expira com a entrega do objecto vendido, ou quando o dinheiro, producto d'elle, esteja consignado em deposito, ou porque o arrematante o deposite por força d'essa arrematação, ou então requerendo que seja assim consignado, para sua segurança futura.

E' principio certo e comeseinho, de que todos os onus impostos pelo executado, ou operados por facto d'este, extingue-se com a arrematação do objecto onerado. Ord. liv. 4.º tit. 5.º §§ 2 e 3, no que concordam todos os jurisconsultos que trataram a materia, como Corr. Tell. trat. das Acç. not. 359 ao § 170, Per. e Sous, prim. lin. civis § 433 e not. 860.

Ao hypothecario pois fica-lhe o direito para demandar o preço da arrematação, ou contra quem o levantar; segundo o que dispõe a citada ord. O decreto n.º 482, que estabeleceu o regulamento do registro das hypothecas nenhuma duvida offerece na especie subjeita, e apenas passa o onus hypothecario sómente no caso da alienação d'elle feita pelo devedor, mas como a venda em praça é de sua natureza forçada, nem se querabalou o principio de direito acima exposto.

C. H. de F.

PARTE POLITICA.

OS PARTIDOS POLITICOS.

A lei do repouso é tambem uma lei de Deos; elle foi o primeiro a pratical-a no setimo dia. Depois de longas fadigas, a natureza pede descanso. O trabalho sempre activo, sempre incessante e nunca interrompido não é o mais fecundo em resultados proveitosos.

O agricultor amanha o terreno, rega-o com o suor de seu rosto, entrega-lhe a semente e espera a sua fecundação. O mesmo faz o pescador. Prepara sua rede; toma-se as malhas; enlaça-lhe os fios, e arremecendo-a sobre o lago dos peixes, aguarda a sua colheita. São actos successivos, é verdade; mas ha sempre um suspiro, um intervallo de cessação.

Os partidos politicos vivem sob as mesmas condições. Lutam, esbravejam, triumpham, tripudiam ao remanso da victoria, mas o cansaço se manifesta logo em todas as suas arterias. Suas legiões debandam-

se, e lá vão invernar em seus arraiaes. Os lidadores ainda ha pouco activos e ardentes, vê-los-heis agora tibios e bisonhos. Surgem mesmo periodos de verdadeira indifferença, symptomias de completo marasmo. Muitas vezes se crê que os principios morreram de inanición; mas o seu germen vive. Quando menos se cuida, os campeões que se suppunham invalidos se levantam d'essa especie de vertigem convencional, sondam a situação dos espiritos, espreitam o momento opportuno, sôa o rebate, e eil-os, como por encanto, de morrões accessos nas ameias do castello, em nova attitude de combate.

O espirito humano é bem caprichoso senão incomprehensivel nas diversas phases de suas manifestações! Ora electrico como a materia inflammada que vibra do seio da nuvem; ora calmo e sereno como a luz benefica que sobrevem á tempestade! Tudo em torno do homem são segredos e mysterios.

O nosso silencio de algum tempo á esta parte, além de explicar-se pelas leis que deixamos escriptas, tem tambem uma explicação mui rasoavel e convincente nas circumstancias especiaes da nossa provincia.

Acabavamos de uma luta desesperada, que havia azedado profundamente as discussões politicas. A injuria, o sarcasmo, e, não raro, a calumnia voavam de um a outro campo. A atrocidade era santa, a verdade apenas um simulacro que se despedaçava nas mãos das facções. Ninguém por mais fascinado pela magia de suas crenças deixaria de reconhecer que esse estado de cousas era affligidor, e que seria mesmo impossivel que o progresso da nossa terra não mirasse ao suão abraçador que nos estorcia.

Por outro lado viamos que o pensamento de restituir a calma ás paixões, de chamar os espiritos a um centro senão de accordo quanto aos principios, ao menos de moderação quanto ás formulás de discutir, surgia nas altas regiões da politica do paiz. Observavamos que o supremo depositario das summas do imperio, inspirado por esse immenso amor paternal que consagra a seus subditos, deixava entrever mui claramente a necessidade de reprimir os excessos do espirito de partido por meio de uma politica de indulgencia e de mansuetude. Assim revelavam os actos de seu governo, por largas concessões e favores aos que se diziam vencidos.

Nós, que sempre nos distinguimos pela moderação de nossos principios, inclinamo-nos ao reclamo que vinha do alto, por entendermos que havia n'esse designio a maior pureza e generosidade de coração. Accordámos em temperar o mais possivel as discussões da imprensa, e evitar assim qualquer estimulo á vivacidade dos espiritos, deixando que o tempo, a experiencia, os factos e a reflexão dobrassem os instinctos de asperidão e de violencia que progressivamente patenteava o jornalismo politico.

Procuramos dar uma nova direcção ao espirito publico, lisongeando-o com as perspectivas brillantes de empresas grandiosas que sinceramente temos fomentado, e cujos resultados hão de engrandecer o futuro do nosso paiz.

De feito, as nossas experiencias, bem que ainda fluctuem na espera das tentativas, pois que os gran-

des melhoramentos não se fundem de um só jacto, deixam-nos as mais gratas esperanças de que havemos de colher os fructos que se nos antolharam. O que se não póde contestar é que a calma e a reflexão vão resurgindo em todos os animos. As animosidades acham-se indubitavelmente mais modificadas, e em vespera de acabarem. Os nossos proprios adversarios, pondo de parte algumas manifestações de odio pessoal, que lá uma ou outra vez surgem em seus periodicos, revelam sem duvida muita tendencia a repudiarem esse genero de combate, como improprio de cavalheiros que disputam o futuro; parece mesmo que se vão envergonhando d'esses trasbordamentos irrationaes, que, além de contrastarem com a indole e caracter d'este grande povo, são verdadeiros anachronismos.

Cumpre, pois, que os estimulemos a abjurarem por uma vez essas velhas usanças, e que os convidemos muito ingenuamente a levar as questões politicas ao seu campo proprio, banindo essas insolencias de linguagem, esses pungimentos de estylo, essas invectivas desalmadas, esse aggreddir desapiedado que barbarisam a nossa imprensa politica, desvairam as imaginações do povo, e atacam de frente todas as maximas da moral chistã.

N'estas vistas aceitamos a collaboração do jornal que hoje sauda á nova phase de regeneração em que temos entrado. E' tempo de conhecermos e deplorarmos os erros da nossa infancia politica. A justiça de ambos os peitos que se debatem está julgada. E' mister que façamos novas explorações e descobertas, não nos dominios da vida privada dos individuos, mas sim no grande campo do progresso humano, e assim emparelharmos com os outros povos que marcham para o seu aperfeiçoamento moral.

Somos pequenos, é verdade; mas nem isso é vergonha, nem impedirá que as grandes nações nos respeitem se formos respeitaveis. Para obtermos consideração basta que os nossos progressos intellectuaes e moraes mostrem á Europa que sabemos, queremos e podemos regenerar-nos pela sciencia, pelo trabalho e pela morigeração.

Morigeração, trabalho, sciencia, eis as armas com que a philosophia politica d'este seculo ensina as grandes nações a combaterem n'uma lucta generosa—escreve uma profunda intelligencia da época.

Os espiritos mais altos, seja qual fôr sua crença religiosa e politica, proclamam a paz e a fraternidade, entre os homens. Aceitemos esse impulso magnanimo, essas inspirações generosas. Nada de ficarmos atrás na marcha gigantesca da civilização. Tomemos as questões do alto. Eduquemos o espirito do povo nas verdadeiras maximas do Evangelho,

que manda amar o trabalho e obedecer ás leis da recta razão. Estas lições é que hão de ensinar a actividade no trabalho, a severidade nos costumes, e amor da liberdade moderna, mas verdadeira, o desejo de cultivar as artes da paz, no meio de um paiz nascente, cuja unica esperança de salvação está em se desenvolverem essas e outras tendencias analogas.

Não creiam os semeadores de doutrinas exageradas, e perniciosas que o povo os acompanhe em seus desvaneos e convulsões. Não! O povo, que tem mais logica que os pregadores de vãos apophtegmas, ha de concluir outra cousa d'ahi: ha de concluir que he bastante fidalgo para não contrahir habitos villãos e ruins.

Eis a nossa protestaçoão. Estamos firmes em proseguir inalteravelmente n'estes principios, de cuja justiça e moralidade temos tão profunda consciencia, que estamos dispostos a assella-los com o nosso proprio nome, bem como tudo que sahir de nossa penna.

PELO SR. CONEGO J. PINTO DE CAMPOS.

POESIA.

Não queiras meu canto.

Do bardo que soffre e recalca no peito
As lutas violentas de um mesto viver,
Um canto não queiras que em pranto desfeito
Teu riso bem póde nos labios tolher.

Não peças um hymno á lyra que chora,
Em magoas não podem os hymnos medrar;
Da vida apagou-se-me a fúlgida aurora,
Com ella meus cantos senti-os murchar.

As fontes tam doces da leda poesia
Que outr'ora meus versos banharam d'amer;
Seccou-m'as do pranto a cruel ardentia,
Do pranto surgiram mil outras de dor.

As palmas virentes que a fronte adornavam
Ao sopro cahiram do mundo venal,
Os meigos enlevos que a vida alentavam
Quebrou-m' os da sorte feroz vendaval.

Qual tronco isolado, dos ventos batido,
Eu vivo no mundo, misérrimo e só,
Um anjo não tenho que um terno gemido
Aos muitos do bardo misture com dó.

A. P. C. JUNIM.

Rio..... 1852.

TYP. FLUMINENSE DE D. L. DOS SANTOS,
Rua dos Giganos, N.º 23.